

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

A RECONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA DO FASCISMO NO AMBIENTE DIGITAL: AS MANIFESTAÇÕES ESTÉTICAS E POLÍTICO-DISCURSIVAS DA FRENTE INTEGRALISTA BRASILEIRA E DO MOVIMENTO INTEGRALISTA E LINEARISTA BRASILEIRA

Jonas Ferreira de Castro Neto

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9909>

Submetido em: 2024-09-12

Postado em: 2024-09-13 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A RECONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA DO FASCISMO NO AMBIENTE DIGITAL: AS MANIFESTAÇÕES ESTÉTICAS E POLÍTICO-DISCURSIVAS DA FRENTE INTEGRALISTA BRASILEIRA E DO MOVIMENTO INTEGRALISTA E LINEARISTA BRASILEIRO

AUTOR: Jonas Ferreira de Castro Neto

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0712-1318>

email: j246657@dac.unicamp.br

Universidade Estadual de Campinas (IFCH), Programa de Pós-Graduação em Sociologia.
Campinas, SP, Brasil

RESUMO: Este artigo se propôs a analisar comparativamente como dois movimentos neofascistas, que rivalizam pela legitimidade do legado integralista - a Frente Integralista Brasileira (FIB) e o Movimento Integralista e Linearista Brasileiro (MIL-B) - reconstituem a memória do integralismo histórico e do nazifascismo no ambiente digital. Como aporte teórico-metodológico, foram mobilizadas ferramentas de análise das áreas das ciências sociais, da filosofia estética e da política linguística para nos auxiliar na compreensão das expressões estéticas e político-discursivas dos grupos em plataformas digitais. Essa análise comparativa, tendo como recorte o problema da memória, revela compatibilidades e diferenças em relação às configurações ideológicas e às estratégias políticas dos movimentos neointegralistas. Sistematizamos a análise a partir de três temáticas: a) nostalgia do Chefe Integralista, b) simbologias e c) referências ao nazifascismo e ao antissemitismo. A evocação nostálgica da memória do líder integralista, Plínio Salgado, é fundamental para ambos os grupos, aproximando as mobilizações dos trabalhos de memória desses movimentos rivais. A disseminação de simbologias demarca uma das maiores diferenças entre os movimentos, isto é, a proposta conservadora da FIB *versus* a proposta original do MIL-B. A forma como os grupos reconstituem a memória do nazifascismo e do antissemitismo revela outra diferença crucial: enquanto a FIB recusa o nazifascismo e o antissemitismo pela via da reconstrução e do “esquecimento” da memória da corrente integralista antissemita liderada por Gustavo Barroso, o MIL-B admite o movimento como fascista e adere ao antissemitismo aproximando-se da corrente integralista antissemita barrosiana.

Palavras-chave: memória, fascismo, digital, Frente Integralista Brasileira, Movimento Integralista e Linearista Brasileiro.

RECONSTITUTION OF THE MEMORY OF FASCISM IN THE DIGITAL ENVIRONMENT: THE AESTHETIC AND POLITICAL-DISCURSIVE MANIFESTATIONS OF THE BRAZILIAN INTEGRALIST FRONT AND THE BRAZILIAN INTEGRALIST AND LINEARIST MOVEMENT

ABSTRACT: This article aims to comparatively analyze how two neo-fascist movements that compete for the legitimacy of the integralist legacy - the Brazilian Integralist Front [Frente Integralista Brasileira (FIB)] and the Brazilian Integralist and Linearist Movement [Movimento Integralista e Linearista Brasileiro (MIL-B)] - reconstitute the memory of historical integralism and

Nazi-fascism in the digital environment. As a theoretical-methodological contribution, analysis tools from the areas of social sciences, aesthetic philosophy and linguistic politics were mobilized to help us understand the aesthetic and political-discursive expressions of the groups on digital platforms. This comparative analysis, focusing on the problem of memory, reveals compatibilities and differences in relation to the ideological configurations and political strategies of the neointegralist movements. We systematized the analysis based on three themes: a) nostalgia for the Integralist Chief, b) symbologies and c) references to Nazifascism and anti-Semitism. The nostalgic evocation of the memory of the Integralist leader, Plínio Salgado, is fundamental for both groups, bringing the mobilizations closer to the memory work of these rival movements. The dissemination of symbologies marks one of the biggest differences between the movements, that is, the conservative proposal of the FIB versus the original proposal of MIL-B. The way the groups reconstitute the memory of Nazifascism and antisemitism reveals another crucial difference: while the FIB rejects Nazifascism and antisemitism by reconstructing and “forgetting” the memory of the antisemitic integralist current led by Gustavo Barroso, the MIL-B admits the movement as fascist and adheres to antisemitism by approaching the Barrosian antisemitic integralist current.

Keywords: memory, fascism, digital, Brazilian Integralist Front, Brazilian Integralist and Linearist Movement.

INTRODUÇÃO

Nossa contribuição nesta pesquisa corresponde a uma análise sociológica do neofascismo, sob o prisma da memória social. Colocaremos em evidência os aspectos ideológico-culturais do neofascismo, com o propósito de apreender a construção social da memória coletiva do fascismo diante das manifestações estéticas e políticas desenvolvidas por movimentos neointegralistas no ambiente digital.

A problemática teórica da pesquisa parte do problema da reconstituição da memória coletiva do fascismo entre dois movimentos neofascistas brasileiros que se articulam politicamente nas plataformas digitais, a Frente Integralista Brasileira (FIB) e o Movimento Integralista Brasileiro (MIL-B). O objetivo da presente pesquisa é compreender como a dinâmica de agitação e propaganda desses dois grupos neointegralistas em plataformas digitais potencializa as estratégias que visam a construir uma memória coletiva do integralismo clássico e do nazifascismo, e quais são os sentidos e significados da reconstituição destas memórias.

No entrelaçamento entre memória social e extrema-direita neofascista, outro problema conecta-se com as questões trabalhadas nesta investigação: a relação entre a tecnologia e a política no tempo presente e, mais precisamente, a forma através da qual determinados grupos de extrema-direita conseguem veicular, de modo profuso e acelerado, suas ideologias e militância política nas mídias digitais de comunicação.

O que pretendemos, nesta análise sociológica, corresponde ao esforço de situar dois grupos neointegralistas, a Frente Integralista Brasileira e o Movimento Integralista e Linearista Brasileiro, representantes de um tipo de neofascismo que se desenvolve no Brasil contemporâneo, nas disputas em torno dos sentidos da memória do fascismo no tempo presente. Com a pesquisa empírica, centrada na análise de suas manifestações estéticas e político-discursivas nas plataformas digitais, apresentaremos nossa compreensão sobre como as memórias coletivas do nazifascismo e do integralismo histórico são reconstituídas pelos grupos em questão.

O ponto central, para os fins desta exposição introdutória, é apreender que o “retorno” do fascismo hoje é acompanhado pela produção de novas possibilidades de construção de narrativas e memórias a respeito do passado fascista. O que significa assumir que agentes da extrema-direita, sobretudo da extrema-direita neofascista, com suas lideranças, organizações, partidos e movimentos - legatários de uma tradição política totalitária que, através dos trabalhos de memória, estabelece nexos entre passado e presente - disputam os sentidos da memória do nazifascismo, em um contexto no qual temas como o Holocausto, o antissemitismo, os campos de concentração, a perseguição aos grupos minoritários e os conflitos relacionados à Segunda Guerra Mundial tornaram-se indissociáveis da memória dominante do fascismo no Ocidente.

Além disso, uma vez que os dois grupos neofascistas investigados, a FIB e o MIL-B, reivindicam o legado da Ação Integralista Brasileira (1932-1937), abordaremos, além das estratégias de reconstituição da memória do nazifascismo e temas associados (Holocausto, antissemitismo etc.), seus trabalhos de memória quanto à rearticulação da doutrina integralista para o Século XXI e à incorporação dos símbolos integralistas. Desenvolvendo, desse modo, um estudo sociológico comparativo que denote compatibilidades e diferenças na forma como cada grupo elabora suas reconstituições memorialísticas.

I. DO INTEGRALISMO HISTÓRICO AOS NEOINTEGRALISMOS: A DISPUTA CONTEMPORÂNEA PELO LEGADO INTEGRALISTA ENTRE A FIB E O MIL-B

A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi um movimento social e político brasileiro considerado a maior organização de massas fascista da América Latina durante o período entreguerras (PAXTON, 2007, p.314). A atividade política do movimento - a primeira fase do integralismo - foi relativamente curta. Sua atuação formal durou de 1932 a 1937, até o momento que, na ocasião da instauração do Estado Novo de Getúlio Vargas, o grupo foi dissolvido e rebaixado à ilegalidade.

Segundo a historiadora Marta Regina da Silva Ramos Carneiro (2007, p.22), no esforço de sistematizar a periodização do integralismo desde a sua formação até a contemporaneidade, o integralismo atravessou três fases. A primeira, chamada de integralismo histórico, refere-se à década de 1930 e aos primeiros anos da Era Vargas, no momento de organização e constituição do movimento e do partido até sua interrupção em 1937. A segunda, fase perrequista, corresponde ao período de 1945 a 1965, no contexto da “redemocratização”, quando a continuidade dos ideais integralistas são rearticulados no interior do Partido de Representação Popular, liderado por Plínio Salgado e que termina com a implantação da Ditadura Militar em 1964. O início do terceiro e último período, o neointegralismo, é marcado pelo ano de 1985, quando os (neo)integralistas, “órfãos” de Salgado desde 1975, tentam se organizar politicamente sem a presença do Chefe.

Sobre as raízes ideológicas fascistas do integralismo histórico, pesquisadores como Hélgio Trindade (1979) destacam o contexto da formação política de Salgado nos anos 1920, em que o líder integralista permaneceu fiel aos temas da exaltação ufanista do homem e da terra, da nova raça em formação, da busca histórica dos fundamentos da civilização brasileira. O mesmo autor, um dos pioneiros nos estudos acadêmicos do integralismo, também remonta ao espírito do tempo da década de 1930, de ascensão do nazifascismo, que explica o surgimento da AIB em um enquadramento histórico de tentação fascista internacional. Para outros pesquisadores, como Gilberto Vasconcelos (2017), o processo de maturação da doutrina integralista pôde ser observado já na corrente “verde-amarela” do movimento modernista brasileiro de 22, o Movimento da Anta, da qual Salgado foi importante expoente, além da forte influência externa dos fascismos europeus que teriam norteado a organização do integralismo nos trópicos.

O marco de surgimento do fenômeno integralista remete ao Manifesto de Outubro de 32, redigido pelo Chefe Salgado, no qual foram expostas as sínteses doutrinárias da Ação Integralista Brasileira. Além do líder máximo integralista propriamente dito, condecorado como Chefe Nacional, duas lideranças devem ser destacadas como subchefes e relevantes ideólogos do movimento: o Secretário Nacional do Departamento da Milícia, Gustavo Barroso, e o Secretário Nacional da Doutrina, Miguel Reale. Apesar de outros membros do alto escalão do integralismo histórico terem tido importância na configuração político-ideológica e organizativa do movimento, os postulados teóricos e doutrinários da AIB, bem como as ações programáticas do grupo, passavam majoritariamente pelo pensamento político desses três principais líderes e ideólogos.

Como advertiu o sociólogo e crítico literário Antonio Candido (1978, p.19), a AIB possuía marcantes elementos simbólicos de caracterização externa do fascismo, adaptados às formas locais

da realidade brasileira. Assim, a exemplo de outros signos fascistas de conotação mística, como a suástica na Alemanha hitlerista ou o *fascio littorio* na Itália mussolinista, o integralismo escolheu como símbolo o sigma, retirado do alfabeto grego e indicador de soma, exprimindo uma analogia entre um todo matemático (soma dos infinitamente pequenos) e um todo político (expressão nacionalista de unidade política no sentido de integrar todas as forças sociais do país). Das camisas negras da Itália fascista nasceram os camisas verdes das milícias integralistas. Além disso, o brado integralista “*Anauê*” (saudação e grito de guerra indígena no vocábulo tupi) remete à saudação nazista, de origem romana, “*Heil Hitler*”.

Como elemento definidor das ideologias de tipo fascista, o integralismo corresponde a um movimento social e político essencialmente ultranacionalista. Segundo Trindade (1979, p.219), a inspiração do ultranacionalismo pliniano remonta ao ideal da exaltação nacional do fascismo mussolinista. Incorporado à realidade nacional brasileira, a intenção do Chefe Integralista era promover a criação de uma cultura, uma civilização e um modo de vida genuinamente brasileiro.

Na construção social da figura de seus inimigos, os ideólogos e militantes da AIB adotavam uma posição antiliberal, antiplutocrática, antissocialista e, em alguns casos, antisemita.¹ De matriz ultracatólica e espiritualista, o integralismo pliniano propunha, portanto, uma revolta do espírito diante das crises provocadas pelo materialismo, pelo capitalismo, pelo liberalismo e pela Era da Máquina (CHASIN, 1978, p.614). Para superar politicamente seus inimigos e transformar o cenário de crises nacionais e internacionais, internas e externas, a doutrina da AIB preconizava a revolução integralista e, somada à estatolatria da doutrina, a constituição do Estado integral.

Após a dissolução da AIB e a volta de Salgado a Brasil, dando fim a seu exílio em Portugal, o movimento passou pela segunda fase: a tentativa de rearticulação do integralismo nos limites da esfera eleitoral, sob a égide da fundação do Partido da Representação Popular (PRP). Na fase perrequista, que não poderá ser melhor desenvolvida neste artigo, Salgado propôs a continuidade do integralismo, a partir da estratégia de renovação dos ideais do Sigma. A fim de se livrar da “pecha” de fascista após os traumas da Segunda Guerra Mundial (o mais significativo deles, o Holocausto), o líder integralista buscou reinventar seu passado reconstruindo-se como pensador católico (BIANCHI; MELO, 2023, p.25).

¹ Embora a ligação do integralismo ao antissemitismo seja controversa, e Barroso seja considerado o único líder integralista pertencente a uma ala antisemita radical do movimento, nas obras integralistas de Salgado e Reale, entre outros, é possível encontrar, de forma não tão explícita, alguns traços antisemitas, não embasados por fundamentos raciais, mas pela construção da imagem do judeu visto como figura usurária e como manipulador do capitalismo e socialismo internacionais (CALDEIRA NETO, 2014, p.158).

Ao fim da fase perreipista, é possível observar novas rearticulações do Sigma. A morte do Chefe Salgado em 1975, passando para as “milícias do além” (como afirmam os próprios militantes integralistas) e deixando os militantes e simpatizantes integralistas “órfãos” de seu principal líder, é um dos marcos do início da terceira fase do integralismo: o neointegralismo. Norteado pelos estudos historiográficos de Odilon Caldeira Neto (2014, p.19), a utilização do termo “neointegralismo” para caracterizar as siglas que reivindicam o legado doutrinário e simbólico do integralismo na sociedade brasileira contemporânea é adequada, do ponto de vista sociológico, por duas razões: a primeira, esses grupos são caracterizados por buscar a rearticulação do integralismo sem a presença do principal líder dos camisas-verdes, morto em 1975. Em segundo lugar, tais grupos estão inseridos em um contexto de ressurgimento de várias ideologias e movimentos fascistas ao redor do mundo, fenômeno que é tratado por grande parte da bibliografia específica como “neofascismo”.

Durante o período entre a morte de Salgado e a rearticulação do integralismo ao fim do século XX, alguns grupos neointegralistas buscaram reivindicar a memória e o legado integralista. Um dos mais relevantes foi a tentativa de restauração da AIB por Anésio Lara Campos Júnior. Formalizada em 1985, no contexto da redemocratização, a existência da “nova” AIB não durou mais de dez anos, marcada sobretudo por polêmicas e pela radicalização ideológica, com incursões negacionistas e pela aproximação entre neointegralistas e células neonazistas (como os *skinheads* e os “Carecas do Subúrbio”) (Ibid., p.83-84).

Sob o risco de ignorar tentativas fracassadas de rearticulação do integralismo nas últimas décadas do segundo milênio, destacaremos o neointegralismo que se desenvolve no século XXI. Após importantes lideranças neointegralistas (pós-Salgado) falecerem, Marcelo Mendez e Arcy Lopez Estrella, os militantes do Sigma sentiam-se novamente ausentes de uma liderança e deveriam, por eles mesmos, nortear os rumos do movimento no terceiro milênio. Com isso, no ano de 2004, foi instituído o I Congresso Integralista para o Século XXI, no qual se pretendia reunir e unificar politicamente neointegralistas de diferentes correntes, desde os mais próximos do conservadorismo católico de Salgado até outros mais próximos do antissemitismo radical de Barroso (GONÇALVES; CALDEIRA NETO, 2020).

Em síntese, o Congresso Integralista marcou o fracasso da unificação neointegralista no Movimento Integralista Brasileiro (MIB) e o nascimento de três grupos neointegralistas que passariam a disputar entre si a legitimidade do legado integralista, afirmando serem os únicos e legítimos herdeiros do integralismo pliniano: a Ação Integralista Revolucionária (AIR), o Movimento Integralista e Linearista Brasileiro (MIL-B) e a Frente Integralista Brasileira (FIB). Para os fins do

presente artigo, com vistas a construir os objetos de investigação, apresentaremos os dois grupos mais expressivos provenientes da dissidência neointegralista no século XXI: a FIB e o MIL-B.

Entre as organizações neointegralistas, a Frente Integralista Brasileira tem o maior destaque em termos de alcance social e relevância política, apresentando uma estrutura mais organizada, um maior número de militantes e, como resultado disso, maior aceitação entre os neointegralistas e outros grupos da direita brasileira, inclusive os partidos políticos (Ibid., p.197). Fundada oficialmente em 2005, a FIB conta com uma sede em São Paulo (Ibid., p.192). Após o Congresso, o CEDI (Centro de Estudos e Debates Integralistas) foi incorporado pela FIB, passando a funcionar como um núcleo de formação contínua dos neointegralistas, auxiliando na busca por análises aprofundadas dos problemas nacionais e agindo, dessa maneira, de forma semelhante ao trabalho desempenhado pela SEP (Sociedade de Estudos Políticos) antes da fundação da AIB da 1ª fase (CALDEIRA NETO, 2020, p.108).

A base ideológica reivindicada pela FIB é o Manifesto Integralista de Outubro de 1932, assim como as preleções dos líderes integralistas (principalmente Salgado), e o Manifesto da Guanabara² redigido em 2009 pelo então presidente do grupo Victor Emanuel Vilela Barbuy. Além deste, o Manifesto 13 de Maio³ também representa um manifesto original prescrito pelo grupo (Ibid., p.194).

Desde sua formação, os neointegralistas da FIB se apresentam como pertencentes a um movimento que estaria interpretando de forma “fiel” a ideologia e a doutrina dos camisas-verdes dos anos 1930 (CALDEIRA NETO, 2014, p.108). A FIB se distingue dos outros grupos neointegralistas porque ela representa a organização mais conservadora do movimento, no sentido da busca pela conservação do integralismo histórico. Para os dirigentes da FIB, a base doutrinária do integralismo é inalterável, devendo ser somente obedecida nos novos tempos: qualquer crítica ou questionamento à doutrina integralista é uma atitude anti-integralista, à medida que se nega a necessidade de atualização e reformulação da doutrina.

² “[...] documento que tem como propósito ser o grande manifesto da FIB, da mesma maneira que a AIB teve o Manifesto de outubro. No documento, a FIB reafirmava a obediência aos valores integralistas e propunha algumas ideias para a implantação da doutrina no Brasil. Defende o direito à vida, desde a concepção até a morte natural, e o direito à liberdade, mas com a seguinte condição: “desde que usada para o bem.” Afirma que a família é uma instituição natural e divina, caracterizada pelo matrimônio entre pessoas de sexo distintos. Em termos políticos, defende o projeto de democracia orgânica, contra os partidos, afirmando que o integralismo “não é um sistema de governo, e sim um regime, podendo ser implantado tanto numa Monarquia quanto numa República” (GONÇALVES; CALDEIRA NETO, 2020, p.195).

³ “Em 2009, a FIB divulgou outro texto, com o título Manifesto de 13 de maio, em referência à data de assinatura da Lei Áurea, com vistas a demarcar a posição da FIB em contrariedade ao racismo e ao antissemitismo” (Ibid.).

Em contrapartida, as táticas de disseminação do integralismo são renovadas para atender às demandas da era da digitalização. Além das mobilizações e protestos de rua, as estratégias de agitação e propaganda da FIB estão centradas nos veículos de comunicação digitais e na internet. É o grupo neointegralista que melhor usa a ferramenta de comunicação da internet em sua dinâmica político-ideológica de mobilização permanente. Além do site oficial, do jornal eletrônico *A Nova Offensiva* e do podcast *A Voz do Sigma*, as redes sociais (Orkut, Facebook e X) e plataformas de vídeo (YouTube) são ambientes virtuais utilizados de modo contínuo pela FIB para dois propósitos: a disseminação dos ideais e a busca por novos militantes (GONÇALVES; CALDEIRA NETO, 2020, p.196).

O segundo maior grupo surgido após o I Congresso Integralista para o Século XXI é o Movimento Integralista e Linearista Brasileiro (MIL-B). Seu principal líder e articulador é o engenheiro eletricitista e físico Cássio Guilherme Reis Silveira: os antecedentes do MIL-B remetem ao ano de 1991, quando o entusiasta do integralismo linear, que mais tarde seria o fundador do movimento, passou a integrar o grupo “Juventude Nacionalista”, na cidade mineira de Juiz de Fora. O grupo juvenil passa a tomar contato com a literatura integralista, com a Casa Plínio Salgado (CPS) até, por fim, se transformar em um núcleo integralista a partir de 1992 (CALDEIRA NETO, 2014, p.115). Um dos objetivos do grupo consistia em empreender uma discussão no que tange às possibilidades de atualizações doutrinárias e filosóficas do integralismo.

O grupo da Juventude Nacionalista era formado por estudantes da área da física. Temáticas relacionadas ao campo das ciências exatas começam a ser debatidas e incorporadas à atualização da doutrina integralista, como a Metafísica, a Matemática do Caos, os Sistemas Dinâmicos e a Mecânica Quântica. A ideia dos membros do grupo passava pelo esforço de aliar o legado do pensamento integralista com o desenvolvimento científico, em busca da possibilidade de traçar um paralelo entre as leis físicas e matemáticas com a dinâmica social e política da realidade brasileira (Ibid.). Os integralistas mais conservadores, como aqueles associados à FIB, eram contrários a essa iniciativa, tendo em vista que, para eles, o ideal do Sigma reúne um completo e perfeito arcabouço ideológico, não sendo necessário, portanto, a releitura desse ideal.

Após o fracasso da fundação do MIB no 1º Congresso Integralista para o Século XXI e a ocorrência de divisões internas entre os segmentos neointegralistas, Cássio Guilherme e alguns companheiros começam a efetivar a tentativa de formular uma “sequência harmônica de explicação” que, partindo de alguns pressupostos da física e da matemática, juntamente com a doutrina integralista, fosse capaz de explicar - e solucionar, na aplicação prática - as mazelas da sociedade

sobre variados aspectos, dentre as quais, as sociais, as econômicas, as políticas e até as espirituais (Ibid.). Assim, nasce, incorporada à doutrina integralista, a filosofia linear, ou o linearismo.

O ponto de originalidade da doutrina neointegralista do MIL-B perpassa pela incorporação da filosofia linearista. A ideia central do grupo baseava-se na criação de uma “sequência harmônica de explicação”, na qual as ideias do campo científico, aliadas aos valores morais e intelectuais do integralismo, teriam capacidade de resolver problemas de vários tipos: sociais, econômicos, políticos e até espirituais (GONÇALVES; CALDEIRA NETO, 2020, p.187). Para o MIL-B, as ideias científicas oriundas das áreas das ciências exatas promoviam um despertar da consciência análogo àquele preconizado pelos ideólogos do integralismo histórico, da “Revolução Interior”. Integralismo e linearismo, nesta perspectiva, não são apenas complementares, pertencem à mesma natureza e, portanto, são identificáveis.

As influências políticas, intelectuais, espirituais e filosóficas dos militantes e simpatizantes do movimento são amplas. No campo da filosofia e da física, inspiram-se em Santo Agostinho (por pautar a fé a partir de bases racionais), Gottfried Leibniz (por ser um dos primeiros pensadores a propor análise combinatória de fatores) e Isaac Newton (por ter deixado, na leitura integralista linearista, um grande legado de fórmulas matemáticas e seguia uma linha racionalista espiritualista) (CALDEIRA NETO, 2014, p.116). Além de expressarem admiração por figuras históricas, como Jesus Cristo, Baden Powell (fundador do escotismo) e São Francisco de Assis. A apologia ao pensamento integralista pliniano representa o elo final que fecha um círculo perfeito de análise social e científica, bem como um encaminhamento político, social e mesmo espiritual do movimento.

Sobre associações ligadas ao MIL-B, devemos tecer os seguintes comentários. A SENE (Sociedade de Estudos do Nacionalismo Espiritualista) é um grupo formado em Campinas, no ano de 2006, após a não unificação do neointegralismo no contexto do congresso integralista de 2004, e logo foi incorporado pelo MIL-B funcionando como órgão complementar (embora não seja, segundo Cássio Guilherme, definido somente pelo caráter integralista e linearista, mas sim nacionalista e espiritualista) (Ibid., p.119). Hoje, a SENE funciona para o MIL-B como a SEP funcionou para a AIB, ou como o CEDI funciona atualmente para a FIB.

Há de se destacar que, além da utilização da letra “sigma”, o MIL-B utiliza a letra latina “elo”, simbolizando o linearismo, para a representação de seus símbolos e códigos. Outro símbolo do MIL-B é o Galo Tupã, um forte e antropomorfizado galo de briga que aparece em algumas charges trajado com uma camisa integralista polo com o “sigma” e o “elo” inscritos. Como aponta Caldeira Neto (2014, p.117-118), o galo de briga integralista e linearista, musculoso e masculinizado,

é uma referência evidente à alcunha de “galinhas-verdes” que os adversários do integralismo utilizavam para desmoralizar os integralistas da primeira geração, após a batalha entre integralistas e antifascistas na Praça da Sé, em 1934, no evento histórico conhecido como “Revoada dos Galinhas Verdes” (ABRAMO, 2014). Logo, a utilização dessa simbologia “inversa” pelo MIL-B incide não apenas na minimização do escárnio criado para atingir os integralistas, mas também na representação e caracterização do movimento e sua ação política.

Embora o grupo nunca tenha se destacado pelo uso político da web e das redes sociais, ao contrário de seu principal rival integralista, a FIB, o MIL-B mantém presença em meios virtuais. Seu site oficial continua ativo, com a publicação de textos de opinião de Cássio Guilherme, fotos de encontros do grupo, reuniões com outros grupos de extrema direita e participação dos membros em protestos e atividades de rua (GONÇALVES; CALDEIRA NETO, 2020, p.191).

II. A ORIENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA ANÁLISE COMPARATIVA DAS MANIFESTAÇÕES ESTÉTICAS E POLÍTICO-DISCURSIVAS DA FIB E DO MIL-B NO AMBIENTE DIGITAL

Como salientamos na introdução deste artigo, o recorte analítico proposto para a investigação das manifestações estéticas e político-discursivas da Frente Integralista Brasileira e do Movimento Integralista e Linearista Brasileiro nas plataformas digitais está delimitado pelo problema da reconstituição da memória coletiva do fascismo. Entendemos a memória coletiva como um importante dispositivo cultural, circunscrito à esfera ideológica, utilizado por movimentos sociais para propostas políticas no presente (KUBAL; BECERRA, 2014, p.868). A partir desse pressuposto, a presente pesquisa sociológica insere-se nos estudos contemporâneos do fascismo pelo prisma da reflexão sociológica acerca da dimensão cultural do fenômeno, enfatizando os aspectos associados à ideologia, à mentalidade coletiva e à concepção de mundo neointegralista⁴. No decurso da investigação sobre as manifestações estéticas e político-discursivas que se desenvolvem no interior das páginas virtuais administradas pelos movimentos neointegralistas, nos apoiaremos na orientação

⁴ Segundo a definição do historiador italiano Emilio Gentile (2002, p.88-89), o fascismo possui três dimensões analiticamente distintas: a dimensão cultural (ideologia, mentalidade coletiva, concepção de mundo, objetivos políticos, ética civil), a dimensão organizativa (movimentos, partidos e base social) e a dimensão institucional (estrutura político-institucional e militar do regime político de tipo fascista).

metodológica concernente ao paradigma de investigação empático: um mecanismo de análise formulado pelo historiador George Mosse (2021)⁵.

O ponto de partida da análise sociológica aqui proposta consiste em captar que, ao investigar o modus operandi desses agentes políticos no ambiente digital, podemos apreender tanto as suas manifestações estéticas quanto as suas manifestações político-discursivas. Em relação às primeiras formas de manifestações, caracterizamo-las pela abordagem estética da filósofa Barbara Carnevalli (2012), sublinhando os sentidos e significados político-estéticos dos gestos, dos símbolos, das expressões, das imagens e das novas aparências sociais construídas nas mídias digitais. Em relação às segundas, pelos estudos da política linguística de Giuseppe Antonelli (2017) que nos auxiliam a compreender os textos, as mensagens, os comentários e as reações incorporadas na nova linguagem, nos discursos, nas concepções de mundo e nas interações políticas e sociolinguísticas repercutidas no mundo da web.

Para a realização de uma análise sociológica comparativa, agrupamos os temas abordados pelos grupos neointegralistas em três eixos temáticos: a) nostalgia do Chefe Integralista; b) simbologias; c) referências ao nazifascismo e ao antisemitismo. A partir da abordagem destes diferentes temas, vinculados ao problema da memória, analisaremos as manifestações estéticas e político-discursivas de cada grupo, comparando-as de modo a identificar suas convergências e divergências, compatibilidades e diferenças.

III. NOSTALGIA DO CHEFE INTEGRALISTA

Na conta do “X” associada ao site oficial da FIB, “Iconografia Integralista”, observamos uma postagem que se associa a um elemento central da reconstituição da memória do integralismo: a nostalgia e a reverência aos líderes integralistas, sobretudo ao Chefe Integralista Salgado.

⁵ Aplicar metodologicamente a empatia como modo de paradigma de investigação para "tentar entender o movimento em seus próprios termos", "de dentro para fora", usando a "empatia" para "penetrar na autocompreensão fascista" (MOSSE, 2021, p.XXV).



Imagem 1: Charge de Plínio Salgado com as bandeiras do integralismo e do Brasil, retirada da conta “Iconografia Integralista” na rede social “X”. Uma charge, com pano de fundo branco, que retrata a figura do Chefe Integralista, Plínio Salgado, uniformizado, com uma expressão facial sisuda. Atrás da caricatura do líder integralista, estão hasteadas as bandeiras do Brasil e, acima dela, a do integralismo, ambas igualmente ilustradas.⁶

O desenho simboliza o culto ao Chefe Salgado. O uso de cores escuras revela a construção de uma certa atmosfera social sombria que a charge emana, e a ilustração da catadura séria e combativa de Salgado também nos conduz na mesma direção interpretativa. Convenientemente trajado com seu uniforme camisa-verde, o líder integralista, posicionado em frente às bandeiras do Brasil e do integralismo, aparenta estar preparado para o enfrentamento contra seus inimigos, ao mesmo tempo em que protege as bandeiras do país e do movimento.

A charge utiliza de um dispositivo sensorial e estético fundamentado no aspecto visual. Para a filósofa Carnevali (2017), apoiada na teoria da sensibilidade social e na sociologia de Georg Simmel, os sentidos são as condições sensoriais ou estéticas que tornam possíveis as relações sociais, enquanto influenciam a comunicação interpessoal, a formação de vínculos sociais e as relações de poder. Tais condições sensoriais são capacitadas para construir uma atmosfera (*Stimmung*) relativamente subliminar de avaliação social. As inclinações sensíveis produzidas e transmitidas através da charge, desencadeadas pela tonalidade das cores escuras, pela expressão facial bélica de

⁶ Devido à decisão judicial que determinou a suspensão temporária da rede social “X” no Brasil, no dia 30 de agosto de 2024, não foi possível inserir o *link* da postagem correspondente como fonte neste artigo. Salientamos que o material foi coletado antes da decisão liminar que impede o acesso à plataforma e permanece válido para os fins da análise realizada.

Salgado e pelo hasteamento das bandeiras que os integralistas devem defender ao longo da história, cumprem uma função política ativa de valorização social: o reconhecimento e a estima dos novos militantes por sua liderança maior, o Chefe Integralista.

A evocação nostálgica dos líderes integralistas está também presente nas reconstituições memorialísticas do MIL-B. A imagem que será analisada representa uma divulgação do integralismo linear, buscando convocar novos membros para o MIL-B. Nela, podemos observar a imagem do Chefe Integralista, trajado com a camisa das milícias integralistas, acompanhado de dois elementos simbólicos do integralismo (o Sigma e a saudação *Anauê*), além de um signo próprio da doutrina do linearismo (o Elo).



Imagem 3: “Venha para o Integralismo linear”, retirado do site oficial do MIL-B. Na imagem, com fundo azul em diferentes tonalidades, pode-se observar uma gravura do Chefe Integralista, trajado com o fardo do Sigma, realizando a saudação integralista. Ao seu lado, aparecem, de cima para baixo, respectivamente, os símbolos do Sigma e do Elo. Acima da representação do líder integralista, repercute-se a seguinte mensagem: “VENHA PARA O INTEGRALISMO LINEAR. ANAUÊ”. Na parte de baixo da imagem, há um espaço reservado para a divulgação do endereço do site oficial do MIL-B.⁷

A estratégia de renovação doutrinária do MIL-B não implica a renúncia à liderança exercida por Salgado. Ao contrário, articula-se uma interpretação original da doutrina pregada pelo líder integralista, a ponto de encontrarem, nos postulados do integralismo pliniano, as bases para a

⁷ Fonte: <https://integralismolinear.org.br/>.

constituição do integralismo linear: a visão cósmica do mundo, o esoterismo, o misticismo, o ocultismo e a “religiosização” do movimento integralista (GUILHERME, 2021; ALBUQUERQUE, 2021). Nesses documentos, os membros do MIL-B afirmam que o integralismo linear representa a evolução natural dos postulados do integralismo histórico. Por essa razão, ao reconstituir nostalgicamente a memória do Chefe Integralista, os membros do MIL-B continuam sendo guiados pelos preceitos de Salgado, mesmo ao assumirem a proposta de atualização do Sigma.

A nostalgia do Chefe Integralista é identificável em documentos escritos divulgados tanto pela FIB quanto pelo MIL-B, utilizando desenvolvimentos discursivos e recursos retóricos similares. Em textos publicados por ambos os grupos, o uso de superlativos, caracterizado pelos estudos linguísticos de Victor Klemperer (2006, p.204) como a forma propagandística por excelência do discurso fascista, é evidente: Salgado é apresentado como o maior brasileiro de todos os tempos (BATISTA, 2021; 40 ANOS..., 2015). A função desse superlativo consiste em transmitir um grau extremo de qualidade e importância à figura do Chefe, exaltando-a a um ponto em que a evocação da memória do líder integralista torna-se determinada pelo processo de glorificação social, cimentado pelo culto ao líder, ou como define o historiador Stanley Payne (1980, p.5), pelo “princípio da liderança”.

Em ambos os grupos, a reconstituição nostálgica da memória de Salgado cumpre uma função política que vai além do simbólico, sendo também diretiva em uma organização neofascista onde predomina o princípio da “resistência sem lideranças” (GRIFFIN, 2019, p.125). Prova disso pode ser encontrada em um texto publicado pela FIB, no qual um autor neointegralista afirma crer que o Chefe não poderá morrer enquanto o Brasil existir (BATISTA, 2021). Isso ressalta o papel fundamental da reconstituição coletiva da memória do líder integralista no preenchimento da lacuna deixada pela falta de liderança atual. Na ausência de uma liderança contemporânea que se equipare ao Chefe Salgado, os neointegralistas orientam-se espiritual, moral e politicamente pela rememoração nostálgica e restauradora do líder integralista já falecido, norteados por uma espécie de “*liderança póstuma*”. Segundo a matriz espiritualizante neointegralista, a morte de Salgado não o conduziu apenas às “milícias do além”⁸, mas também à “*liderança do além*”.

IV. SIMBOLOGIAS

⁸ No ritual de sacralização política dos mortos integralistas e sua conversão em mártires, seria o espaço de organização no *post mortem* (FAGUNDES, 2012, p.898).

Nesta temática, a primeira imagem a ser analisada foi retirada do site oficial da FIB, funcionando como estética visual do portal neointegralista.



Imagem 2: logo da FIB, retirado do site oficial do grupo. Pode-se observar um pano de fundo azul, sobre o qual está anexado o símbolo do Sigma, destacado em azul e inscrito dentro de um círculo branco. Ao lado, o lema integralista, citado em letras maiúsculas, ganha destaque: “Deus, Pátria, Família”.⁹

Na imagem, identificamos dois elementos simbólicos que retornam nostalgicamente na estratégia de conservação doutrinária e estética do integralismo da FIB: estamos nos referindo ao retorno do Sigma e ao retorno do lema integralista “Deus, Pátria, Família”.

Para compreendermos a propagação do Sigma enquanto elemento simbólico puramente visual, recorreremos às ferramentas de análise de Malcolm Quinn (1994), que se dedicou a compreender a constituição e apropriação simbólica da suástica pela ideologia nazista, tornando-se seu principal emblema ao ser retirada de seu contexto original e ressignificada junto à doutrina racial nazista ariana. Para Quinn (1994, p.79), a suástica esteve no centro do discurso propagandístico de reconhecimento da Alemanha hitlerista, dado que o símbolo representava o “despertar nacional”, ou seja, o renascimento da comunidade germânica.

De modo análogo ao caso alemão, os militantes integralistas retiraram o Sigma de seu contexto original, o alfabeto grego, e o apropriaram para um uso político-estético. Sua veiculação ainda atende a uma tática política de criação, através da construção de um elemento simbólico novo, de uma ordem ultranacionalista revolucionária. Isto é, o elemento que simboliza o que o pesquisador do fascismo Roger Griffin (2019, p.51) classificou como o núcleo da ideologia fascista, sua aspiração “palingenética”¹⁰: o projeto de renascimento social, cultural e nacional fundado no desejo psicológico de uma limpeza, de uma renovação através da destruição criativa.

Identifica-se também, na imagem analisada, o retorno do lema integralista histórico “Deus, Pátria, Família”, reproduzido pelos administradores das plataformas virtuais da FIB. A repetição incessante de *slogans* é um *leitmotiv* do discurso fascista, como apontou Klemperer (2006, p.79): a imposição da repetição de palavras, frases ou expressões traduz um método eficaz de introjetar

⁹ Fonte: <https://integralismo.org.br/>.

¹⁰ Etimologia da palavra: do grego *paliggenesía*, ‘renascimento, ressurreição’ (HOUAISS; VILLAR, 2009, p.1417).

valores, ideias e convicções às massas. Semelhante análise foi feita por Daniel Guerin (1973, p.97), a quem devemos o diagnóstico “o fascismo martela seus *slogans* nos crânios repetindo-os incansavelmente”, um procedimento grosseiro, porém bem-sucedido, pois “quando uma pessoa já ouviu esses chavões várias vezes, ela acaba tomando-os como a expressão de seu próprio pensamento e se alegra ao encontrá-lo nos lábios do orador”.

Passaremos, neste momento, para a análise das postagens do MIL-B. Diferentemente da proposta da FIB, a imagem retirada da composição visual da página oficial do MIL-B revela uma manifestação estética voltada para a atualização da doutrina integralista: a divulgação do Elo, tingido com as cores do integralismo, como símbolo representativo do linearismo.



Imagem 3: O Elo, retirado do site oficial do MIL-B. Dentro de uma figura circular, contendo as cores azul e branca, nota-se o Elo, símbolo do linearismo, inscrito sobre o mapa brasileiro.¹¹

O encontro do Elo com os símbolos integralistas históricos indica, por parte dos militantes do MIL-B, a tentativa de renovar o arcabouço estético e simbólico do movimento integralista. A atualização linearista do integralismo, que se sustenta substancialmente pela transformação dos fundamentos doutrinários do Sigma, é acompanhada por uma nova conduta estética promovida por essa visão neointegralista. A inclusão de um novo símbolo constitui a marca distintiva do MIL-B em relação a outros grupos neointegralistas.

Na imagem, a representação do Elo tomando o território brasileiro, juntamente com as cores do integralismo, visa gerar um novo misticismo simbólico em torno da estética renovada do movimento. A utilização intensiva de símbolos, cuja eficácia política consiste em fortalecer sentidos de

¹¹ Fonte: <https://integralismolinear.org.br/>.

pertencimento e unidade entre os apoiadores, é um componente fundamental do misticismo fascista (GUERIN, 1973, p.85). Se, como vimos, os símbolos fascistas são utilizados, fundamentalmente, para simbolizar o despertar da nação, o Elo também representa, para os militantes do MIL-B, o despertar do próprio movimento integralista, ao aperfeiçoar sua doutrina com a incorporação do linearismo.

Eis o ponto central da comparação entre as simbologias da FIB e as do MIL-B: para o primeiro grupo, a estratégia conservadora de reprodução do ideal integralista não se limita à manutenção de seu arcabouço doutrinário, mas passa também pela reconstituição nostálgica e pouco modificadora da própria simbologia integralista. De modo distinto, o MIL-B empreende em suas marcas simbólicas aquilo que distingue este movimento neointegralista dos demais: a proposta de renovação do Sigma. Com isso, ao tentar impulsionar o integralismo linear alterando a doutrina histórica da AIB, o grupo integralista e linearista provê novos símbolos que representem o esforço de renovação do integralismo, sendo o mais marcante de todos eles, fixado ao lado do Sigma, do *Anauê* e de outros lemas integralistas históricos, o Elo.

V. REFERÊNCIAS AO NAZIFASCISMO E AO ANTISSEMITISMO

O nazifascismo e o antissemitismo são abordados nos textos da FIB de diferentes formas, todas ligadas pelo compromisso de negar o movimento como nazifascista ou racista. A concepção de fascismo adotada pelos dirigentes da FIB remete aos fascismos europeus da década de 30, sobretudo aos movimentos fascistas que ascenderam ao poder na Itália e na Alemanha, que neste artigo classificamos como “nazifascismo”. A estratégia neointegralista de reconstituição da memória fascista pela denegação do nazifascismo se apoia em pelo menos dois recursos retóricos: recusa do antissemitismo e originalidade do integralismo.

Analisando a visão neointegralista da FIB, a desvinculação do nazifascismo pela recusa do antissemitismo pode ser vista em textos como “O que é o Integralismo?” e “Gustavo Barroso e suas polêmicas”. Vê-se, nas duas produções escritas, que a FIB procura reconstruir a memória de Barroso desvinculando dela o teor antissemita, enquanto se distancia da corrente integralista do antissemitismo radical liderada pelo líder das milícias integralistas.

O texto “O que é o Integralismo?”, divulgado pela FIB no ano de 2022, é uma transcrição, da página 9 até a 16 do primeiro capítulo, da obra de Barroso "O Integralismo", lançada

originalmente em 1935. Nesta versão produzida pela FIB há um processo de remoção dos termos “judeu”, “judeus” e “judaico” do texto barrosiano¹².

Como já observado nas pesquisas de Caldeira Neto (Ibid.), o objetivo da supressão desses termos é direcionar o documento somente ao combate ao capitalismo e ao comunismo, para que a conotação antissemita do texto original não fique evidente. Portanto, a referência barrosiana ao mito do complô judaico-comunista e à visão do capitalismo como um “mal” judaico é apagada. A reconstrução do texto engendrada pela FIB permite articular sua própria reconstituição da memória integralista: o “esquecimento” do fator antissemita é determinado pela estratégia de reconstrução da memória política de Barroso.

O empenho em apresentar o pensamento de Barroso e desvinculá-lo de qualquer caracterização fascista ou antissemita também está presente no texto “Gustavo Barroso e suas polêmicas”, de autoria de José Carlos Ribeiro de Lima, presidente da Frente Integralista no Ceará. Nele, o autor introduz brevemente a biografia de Barroso, enfatizando seus feitos e sua personalidade polêmica. No corpo do texto, como citaremos adiante, há uma sistematização argumentativa baseada em perguntas diretas e respostas objetivas a respeito da doutrina pregada por Barroso e suas supostas tendências nazifascistas ou racistas, todas negadas pelo autor. Destacaremos apenas uma pergunta contida no texto, e parte de sua resposta:

Gustavo Barroso era antissemita no sentido racial da expressão, ou sustentava algum racismo? Obviamente que não. [...]

Muitos acadêmicos e “pseudo-historiadores”, nos quais a falta de conhecimento se soma ao puro mau-caratismo, tentam propositalmente deturpar o pensamento de Gustavo Barroso. Devemos nos lembrar de que aquela era a década de 1930 e termos e expressões como “judeu”, “judaísmo internacional”, “anti-judaísmo”, “campanha anti-judaica” e “antissemitismo” nem sempre tinham conotação racista e era muito mais empregados do que termos e expressões mais apropriadas como “sionista”, “sionismo internacional” ou “antissionismo”. Estes últimos termos e expressões já existiam, porém não eram empregados com frequência e o emprego dos primeiros termos e expressões acaba causando confusões entre curiosos do Integralismo e entre os chamados “acadêmicos”, que acusam Barroso e até o integralismo de antissemitas no sentido racial do vocábulo. Tomando, contudo, o termo “antissemita” em seu sentido racial, podemos dizer que nem Gustavo Barroso nem a Doutrina Integralista poderiam ser antissemitas, já que nós, camisas-verdes, por dever moral, combatemos os preconceitos de raça, de modo que não poderíamos sustentar o antissemitismo (LIMA, 2022).

¹² Na versão original publicada pelo líder das milícias integralistas, lê-se “esse regime fraco e vergonhoso escravizou o nosso Brasil, o pouco capital dos brasileiros e o trabalho das nossas populações abandonadas ao banqueiro *judeu* internacional...”; “o comunismo que agitadores estrangeiros, sobretudo *judeus*...”; “para definitiva escravização ao capitalismo *judaico* internacional” (BARROSO *apud* CALDEIRA NETO, 2014, p.183, *grifo nosso*). Na reedição da FIB, os termos grifados foram suprimidos. Disponível em: <https://integralismo.org.br/documentos/o-que-e-o-integralismo/>.

Ao indagar se Barroso era antissemita no sentido racial da expressão, ou se sustentava algum racismo, o autor inicia sua resposta com a frase “obviamente que não”. O tom impresso nessas palavras é característico da linguagem fascista, como explica o linguista Carlos Piovezani (2020, p.38), apoiado na *Psicologia das Massas* de Gustave Le Bon. Trata-se de uma linguagem calcada na potência oratória das palavras e das ideias para a ativação de emoções intensas e de sentimentos excessivos. Ademais, a resposta rápida, curta, simples, direta e eloquente é efetiva, pois corresponde a uma demanda da linguagem política que se desenvolve nos meios digitais (ANTONELLI, 2017).

A questão é tratada de forma tão indubitável que nem deveria ser refletida, a menos que sirva, segundo a visão militante neointegralista, para “desmistificar” a propaganda anti-integralista. Como prova dessa argumentação, o autor do texto assume uma postura de combate aos acadêmicos e “pseudo-historiadores” que, para ele, “tentam propositalmente deturpar o pensamento de Gustavo Barroso” (LIMA, 2022). O militante neointegralista, autor do texto, assume uma postura de guardião da memória integralista de Barroso, e de sua reputação, resistindo a uma suposta conspiração de pesquisadores empenhados em divulgar o que considera mentiras sobre Barroso. Tal recusa do antissemitismo baseia-se em mais três argumentos: o contexto da época em que Barroso escreveu suas obras integralistas, a responsabilidade moral da doutrina integralista supostamente contrárias às tendências racistas e a não utilização de termos mais apropriados, como “antissionismo” (admitido, finalmente, como a verdadeira vocação política integralista, diferenciando-o do antissemitismo).

Em ambos os textos publicados pela FIB, constata-se a articulação de uma estratégia revisionista que busca cumprir a função política de afastamento da “pecha” do antissemitismo, fortemente associado ao nazifascismo. Sendo este um tema de grande importância para a reputação do grupo neointegralista.

O recurso ao argumento de defesa da originalidade do integralismo é outro instrumento retórico da FIB para a desvinculação do nazifascismo. Citaremos um trecho do texto já mencionado, “Gustavo Barroso e suas polêmicas”, sobretudo quando o autor cita nominalmente a obra de Barroso *O integralismo e o mundo*:

No livro *O Integralismo e o Mundo*, Barroso explica as diferenças entre o Integralismo, o nazismo e o fascismo: “Separam-nos (...) diferenças profundas. O fascismo se enraíza na gloriosa tradição do Império Romano e sua concepção do Estado é cesariana e anticristã. O Estado Nazista é também pagão e se baseia na pureza da raça ariana, no exclusivismo racial. O Estado Integralista é profundamente cristão, Estado forte, não cesarianamente, mas cristãmente - pela autoridade moral de que está revestido e porque é composto de homens fortes. Alicerça-se na tradição da unidade da pátria e do espírito de brasilidade”. Na obra citada acima, seu autor não só tece críticas a esses sistemas, como também mostra que tanto o fascismo quanto o nacional-socialismo são incompatíveis com a realidade do Brasil e do povo brasileiro (Ibid.).

Ao citar seletiva, arbitrária e tendenciosamente fragmentos da obra barrosiana, em que o líder e ideólogo integralista explica as diferenças entre fascismo, nazismo e integralismo, o texto divulgado pela FIB oculta importantes ideias presentes nessa obra¹³. Conforme demonstram as pesquisas de Trindade (1979, p.263), em *O integralismo e o mundo*, o líder das milícias dos camisas-verdes leva a cabo a pregação da solidariedade entre o integralismo e os movimentos fascistas europeus. Mesmo considerando diferenças entre as ideologias integralista e fascista, Barroso afirmava que o integralismo pertencia à mesma família ideológica do fascismo. Portanto, essa ocultação consciente de parte do pensamento barrosiano cumpre uma dupla função política: dissociar o movimento integralista dos movimentos fascistas e proteger a memória política de Barroso contra as acusações que vinculassem sua figura ao nazifascismo e ao antissemitismo.

Comparativamente, ao analisar as divulgações do MIL-B, destacaremos as postagens que abordam diretamente a posição do grupo em relação ao nazifascismo e ao antissemitismo. A publicação “Os movimentos ‘fascistas’ pelo mundo”, cuja autoria não é identificada, procura explorar a natureza ideológica e as especificidades dos diversos movimentos fascistas que surgiram na década de 1930, com ênfase no movimento integralista:

Mais uma levandade da “História Oficial” é tachar de fascistas apenas o Nacional Socialismo Alemão (Nazismo) e o Fascismo Italiano. Entretanto, baseados no monumental livro do Grande Escritor Ex-Presidente da Academia Brasileira de Letras Gustavo Barroso, intitulado “O Integralismo e o Mundo”, podemos observar o quão diversificados foram os Movimentos Nacionalistas na década de 1930. [...]

Em diversos países eclodiram Movimentos com essas características. Uns mais de caráter espiritualista, como no caso do Integralismo Brasileiro, outros étnicos como o Nazismo e outros ainda de caráter fundamentalistas como o Fascismo Afegão (OS MOVIMENTOS..., 2011).

Como exposto já nas primeiras linhas do documento, o texto baseia-se no modelo argumentativo elaborado na obra integralista de Barroso, à margem da chamada “História Oficial”. Alinhado ao pensamento político barrosiano, reconhece-se a AIB como organização fascista em um contexto de escalada fascista internacional, ao mesmo tempo em que são ressaltadas as especificidades e a superioridade espiritual do integralismo em relação aos outros fascismos. O que

¹³ Parte ocultada do documento da FIB, na qual Barroso (1936, p.15) admite o integralismo como movimento fascista: “De todos os movimentos de caráter fascista, e assim o denominamos por falta de expressão mais apropriada para a sua generalidade, o Integralismo Brasileiro é o que contém maior dose de espiritualidade e um corpo de doutrina mais perfeito”.

devemos extrair do texto é que, na visão neointegralista do MIL-B, há uma aceitação do integralismo como uma variante brasileira do fascismo.¹⁴

No texto, “Integralismo linear e a questão judaica”, os militantes do MIL-B abordam questões como judaísmo e antissemitismo. Temáticas estas indissociáveis da memória coletiva do nazifascismo e da memória da corrente integralista antissemita barrosiana. Citaremos alguns trechos do texto em questão:

Todos os estudiosos conhecem a posição clara do Movimento Integralista e Linearista Brasileiro Brasileiro com relação à Questão Judaica. [...] O Integralismo jamais pregou perseguição a judeus ou a raça judaica, como outros Movimentos Nacionalistas. [...] A principal questão, a maior de todas, se chama Questão Judaica. [...]

Os judeus são os maiores Capitalistas do mundo, donos das maiores fortunas do Planeta Terra e ao mesmo tempo são os criadores do Comunismo, a ideologia que veio questionar o “Poder do Capital”. [...]

Obviamente não são apenas os judeus os responsáveis pelos males do mundo, mas com certeza o amor insano e incondicional ao dinheiro (Mannon) e não ao engrandecimento do espírito, são difusões da mídia judaica. Para eles, O Capital governa tudo (como disse os judeus Karl Marx, Friedrich Engels, Moses Hess, Bruno Bauer e Adam Smith) e não a Vontade Divina. Essa é a grande luta travada na Bíblia, a luta entre o espírito e a matéria. Enquanto não vencermos esse paradigma não vamos avançar no aprimoramento do Caráter Humano. A propósito, Jesus Cristo nasceu judeu, foi apresentado ao Sinédrio Judaico, para que pudesse cumprir a Profecia de libertar todos os Homens e não apenas os ‘Eleitos’ como consta na Torah judaica. Jesus se colocou frontalmente contra o Antigo Testamento, a Torah e os primeiros manuscritos do Talmud (um livro que prega a usurpação, a destruição dos Goim, a falcatura dos judeus e outras barbaridades). Quem condenou Jesus à morte foi o Sinédrio Judaico e não os Romanos, como pode-se ler em vários trechos da Bíblia. Isso é apenas discutir fatos e não tentar perseguir os judeus (INTEGRALISMO..., 2009).

Em uma proposta similar aos conteúdos publicados pela FIB, a principal intenção da publicação é recusar a “pecha” do antissemitismo e enfatizar a questão judaica como o maior desafio a ser enfrentado pelo integralismo linear.

Mesmo que o autor do texto tente recusar *retoricamente* a “pecha” do antissemitismo, ao lidar com a “questão judaica”, o MIL-B recorre a diversos argumentos de timbre antissemita. O antissemitismo do MIL-B é identificável de duas formas: em um fundo religioso (pré-moderno) e em um fundo político-econômico (moderno).

Apoiado nas reflexões de Caldeira Neto (2014, p.193), este é o modo como o documento adiciona elementos antissemitas de fundo religioso. Mamonn (*Mamon, Mammon*, dentre outras variações léxicas) consiste em uma palavra de origem hebraica que significa dinheiro e riqueza e, em várias traduções bíblicas, adquire a significação de falsa divindade/deus da riqueza, assim como de

¹⁴ Em textos recentes divulgados pelo MIL-B, essa aceitação é mais complexa e parcial: seus ideólogos se posicionam como opositores ao fascismo e ao racismo e defendem apenas certos pontos em comum entre o integralismo e o nazifascismo (GUILHERME; GENARO; 2021).

sinônimo de demônio. No texto em questão, nota-se que a concepção de Mamom alude ao falso deus/demônio da riqueza em contraposição à “Vontade Divina”: o posicionamento antissemita é, então, alçado ao maniqueísmo Bem *versus* Mal, utilizando inclusive a denúncia do deicídio, segundo o qual Jesus Cristo teria sido morto pelos judeus por ir contra as supostas regras da tradição judaica.

O antissemitismo de fundo político-econômico, ou moderno, pode ser identificado na forma como o texto adere ao mito do “complô judaico”. Na visão neointegralista do MIL-B, o judaísmo é o principal responsável pelos problemas hodiernos nas esferas políticas (comunismo, democracia liberal) e econômicas (banqueirismo, liberalismo) (Ibid.). Finalmente, apesar de não serem os únicos, os judeus são apresentados como os maiores beneficiários das crises que assolam a sociedade contemporânea.

No site oficial do MIL-B, veicula-se uma imagem elucidativa quanto à reconstituição da memória barrosiana do antissemitismo. Expressando, através da manifestação estética, simbólica, imagética e discursiva, uma adesão relativamente velada à corrente do antissemitismo radical de Barroso.



Imagem 4: Charge do Galo Tupã, retirada do site oficial do MIL-B. O galo de briga integralista e linearista, trajado com uma camisa polo integralista, com o Sigma e o Elo inscritos, e calções pretos, em uma charge na qual “esmaga” uma serpente de duas cabeças que “devoram” o território brasileiro. As cabeças da serpente simbolizam figuras históricas

judaicas: uma cabeça representa o socialismo (Trotsky) e outra, o capitalismo (Rothschild). Acima da imagem, lê-se a seguinte frase: “TUPÃ, O GALO VERDE INTEGRALISTA E LINEARISTA, ESMAGA O VERME COMUNISTA, LIBERAL, GERADO NO VENTRE DO GRANDE CAPITAL FINANCEIRO INTERNACIONAL”.¹⁵

A charge comunica uma defesa tácita do antissemitismo radical de Barroso. Ao retratar a imagem do “verme comunista-liberal”, não há menção direta sobre uma suposta ancestralidade ideológica judaica que formaria as duas falsas dicotomias: comunistas e capitalistas (CALDEIRA NETO, 2014, p.192). Contudo, se a formulação antissemita não aparece de forma explícita no texto, ela é detectável em sua representação imagética. Para a ideologia antissemita do MIL-B, marcada pela forte influência do mito do complô judaico disseminado na sociedade brasileira por Barroso, Trotsky e Rothschild representam a amplitude das encarnações nefastas da oscilação do espírito judaico (TRINDADE, 1979, p.253).

A imagem expressa duas tendências ideológicas recuperadas pelo MIL-B: a ideia de que o socialismo seria produto direto do capitalismo, devendo ambos ser enfrentados simultaneamente, e a teoria conspiracionista de que tanto o capitalismo quanto o socialismo são oxigenados por um plano judaico secreto destinado a desintegrar as nações e dominar o mundo. Logo, o galo de briga integralista linear torna-se o símbolo da missão histórica pregada pelos militantes do MIL-B: proteger o Brasil contra seus inimigos “ocultos” - agentes do judaísmo oscilantes entre o capitalismo e o socialismo internacionais - que estariam destruindo a nação. Com base nos resultados de pesquisa de Caldeira Neto (2014, p.198), compreendemos que o uso desses dispositivos estéticos antissemitas, repleto de simbologias relativamente veladas, atesta a aproximação ideológica do MIL-B à ala integralista histórica antissemita liderada por Barroso.

É necessário comparar sociologicamente o modo como os dois movimentos neointegralistas abordam as questões relacionadas ao nazifascismo e ao antissemitismo. Em relação à FIB, percebe-se um esforço contínuo para proteger a reputação do integralismo, negando qualquer tendência nazifascista ou antissemita do movimento. Sua principal estratégia consiste em reconstruir a memória política de Barroso (escamoteando tanto as obras em que o líder das milícias integralistas expressou ideais antissemitas quanto aquelas que caracterizou o integralismo como fascismo), revisitando-a e falseando-a para os interesses políticos do grupo na atualidade. No caso do MIL-B, mesmo negando em alguns momentos a “pecha” do antissemitismo nazifascista utilizando táticas retóricas similares às da FIB, o movimento neointegralista em questão, informado sobretudo pela posição política de Barroso, se reconhece mais abertamente como um movimento de tipo fascista.

¹⁵ Disponível em: <https://integralismolinear.org.br/>.

Ainda, de forma relativamente velada, manifestações estéticas do MIL-B empreendem a reconstrução nostálgica da memória integralista antissemita ao se vincular à ala antissemita histórica liderada por Barroso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ancorando-se na caracterização tipológica efetuada por Griffin (1991, p.163) acerca dos fascismos existentes fora da Europa e no pós-Guerra, podemos situar tanto a FIB quanto o MIL-B como formações organizativas pertencentes ao “fascismo nostálgico”. Isso porque, ao reivindicarem o legado histórico do integralismo do entreguerras, adotam as visões de mundo da AIB, com programas e táticas políticas adaptadas às circunstâncias atuais. Uma das diferenças fundamentais entre os dois grupos neointegralistas, como já explorado ao longo do artigo, reside na estratégia de conservação doutrinária e simbólica da FIB em contraste com a estratégia de atualização doutrinária e simbólica do MIL-B. A análise comparativa das reconstruções memorialísticas dos dois movimentos nos ajuda a captar tais diferenças, bem como suas afinidades.

Nos dois casos, identificamos a construção de uma memória nostálgica em torno da imagem e dos postulados plinianos. Apesar das diferenças ideológicas entre os grupos neointegralistas, a rememoração coletiva da figura de Salgado angula a orientação espiritual, moral e política tanto da FIB quanto do MIL-B. A nostalgia pelo Chefe Integralista, ainda superior na hierarquia do Sigma, é um dos elementos que expressa compatibilidade entre as formas de reconstruções memorialísticas dos herdeiros neointegralistas.

No tocante ao uso das simbologias integralistas e neointegralistas, nota-se uma diferença decisiva quanto à mobilização dos trabalhos de memória. Ao analisar as manifestações estéticas da FIB, percebe-se uma evocação nostálgica dos elementos simbólicos integralistas, enquanto o MIL-B, sem negar a utilização dos elementos simbólicos da AIB, empreende a integração de novos elementos associados ao linearismo (o Elo, o Galo Tupã) na configuração estética do integralismo. A FIB pode ser caracterizada como um modelo mais bem acabado de “fascismo nostálgico”, pois reproduz os símbolos e a doutrina integralista de uma maneira mais próxima do integralismo histórico, sem a intenção de modificá-los significativamente.

Destacamos o modo como cada grupo elabora suas próprias narrativas acerca do nazifascismo e do antissemitismo, reconstituindo, de diferentes formas, a memória do fascismo internacional e temas associados. Em relação à FIB, observa-se a construção de uma “*amnésia voluntária*”, na medida em que se omite a influência do nazifascismo e do antissemitismo no

integralismo (sobretudo no pensamento político de Barroso); para tanto, os ideólogos da FIB revisitam os escritos do líder das milícias integralistas, reeditando seu conteúdo e forma, ao mesmo tempo que os ocultam. Contudo, essa reconstituição memorialística revela ao menos uma fragilidade: ao reconstruir o pensamento integralista de Barroso e se empenhar no “esquecimento” consciente de suas tendências antissemitas e nazifascistas, o grupo contradiz sua principal estratégia política, a saber, a preservação absoluta e indelével dos postulados doutrinários dos integralistas históricos. Já no caso do MIL-B, a autoidentificação do grupo como fascista e a disseminação de ideais antissemitas são informadas pelo resgate, parcialmente velado, da memória antissemita barrosiana e, conseqüentemente, por uma maior proximidade ideológica com o pensamento integralista do líder das milícias verdes, que pregava a solidariedade entre os movimentos fascistas e o mito conspiracionista do complô judaico.

Em conclusão, a análise comparativa dos modos como os movimentos neointegralistas mobilizam seus trabalhos de memória acerca do nazifascismo e do antissemitismo revela outra importante diferença entre os dois grupos: enquanto a FIB busca negar o integralismo como fascista e “apagar” o antissemitismo de sua linhagem histórica, afastando-se da corrente antissemita de Barroso e aproximando-se do conservadorismo católico de Salgado, o MIL-B admite a autoidentificação fascista e o antissemitismo por meio da restauração do legado integralista barrosiano.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Fúlvio. *A revoada dos galinhas verdes: uma história da luta contra o fascismo no Brasil*. São Paulo: Veneta, 2014.

ALBUQUERQUE, Leonardo de. *Introdução ao integralismo místico*. 2021. Disponível em: <https://integralismolinear.org.br/introducao-ao-integralismo-mistico/>. Acesso em: 12 de setembro de 2024.

ANTONELLI, Giuseppe. *Volgare eloquenza. Come le parole hanno paralizzato la politica*. Roma-Bari: Laterza, 2017.

BARROSO, Gustavo. *O Integralismo e o Mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, S.A., 1936.

BATISTA, Matheus. *As lições do Chefe, 46 anos depois*. 2021. Disponível em: <https://integralismo.org.br/cotidiano/as-licoes-do-chefe-46-anos-depois/>. Acesso em: 12 de setembro de 2024.

BIANCHI, Alvaro; MELO, Demian. Fascisms: A view from the South. In Pinheiro Machado, Rosana; Vargas-Maia, Tatiana, eds., *The Rise of the Radical Right in the Global South*. London: Routledge, 2023, pp. 15-35.

CALDEIRA NETO, Odilon. *Sob o Signo do Sigma: Integralismo, Neointegralismo e Antissemitismo*. Maringá: Ed. UEM, 2014.

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio*. 1ª ed. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas Ltda, 1978, pp. 11-20.

CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. *Do Sigma ao Sigma — entre a anta, a águia, o leão e o galo — a construção de memórias integralistas*. Tese (doutorado em história) — Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

CARNEVALI, Barbara. *Le Apparenze Sociali. Una filosofia del prestigio*. Bologna: El Mulino, 2012.

CARNEVALI, Barbara. Social Sensibility. Simmel, the senses, and the aesthetics of recognition. *Simmel Studies*, 21(2), 2017, pp.9–39.

CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio*. 1ª ed. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas Ltda, 1978.

FAGUNDES, Pedro Ernesto. Morte e memória: a necrofilia política da Ação Integralista Brasileira (AIB). In: *Varia Historia*, vol. 28, nº 48, 2012, pp. 889-909.

GENTILE, Emilio. *Fascismo. Historia e interpretación*. Madrid: Alianza Editorial, 2002.

GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*. Rio de Janeiro: FGV, 2020.

GRIFFIN, Roger. *Fascismo*. Madrid: Alianza Editorial. *E-book*, 2019.

GRIFFIN, Roger. *The Nature of Fascism*. London: Routledge, 1991.

GUERIN, Daniel. *Fascism and big business*. Montreal: Pathfinder Press, 1973.

GUILHERME, Cássio. *Chefe Plínio Salgado e a religião integralista*. 2021. Disponível em: <https://integralismolinear.org.br/chefe-plinio-salgado-e-a-religiao-integralista/>. Acesso em: 12 de setembro de 2024.

GUILHERME, Cássio; GENARO, Edson. *Integralismo, fascismo, nazismo e outros movimentos de extrema direita*. 2021. Disponível em: <https://integralismolinear.org.br/integralismo-fascismo-nazismo-e-outros-movimentos-de-extrema-direita/>. Acesso em: 12 de setembro de 2024.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INTEGRALISMO linear e a questão judaica. 2009. Disponível em: <https://integralismolinear.org.br/integralismo-linear-e-a-questao-judaica/>. Acesso em: 12 de setembro de 2024.

KLEMPERER, Victor. *The language of the Third Reich: a philologist's notebook*. London: Continuum, 2006.

KUBAL, Timothy; BECERRA, Rene. Social movements and collective memory. *Sociology Compass*, v. 8, n. 6, 2014, pp. 865-875.

LIMA, José Carlos Ribeiro de. *Gustavo Barroso e suas polêmicas*. 2022. Disponível em: <https://integralismo.org.br/personalidades/gustavo-barroso-e-suas-polemicas/>. Acesso em: 12 de setembro de 2024.

MOSSE, George Lachmann. *The fascist revolution: toward a general theory of fascism*. Madison, Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 2021.

OS MOVIMENTOS “fascistas” pelo mundo. 2011. Disponível em: <https://integralismolinear.org.br/os-movimentos-fascistas-pelo-mundo/>. Acesso em: 12 de setembro de 2024.

PAXTON, Robert O. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PAYNE, Stanley G. *Fascism: comparison and definition*. Madison: The University of Wisconsin Press Ltd, 1980.

40 ANOS sem a presença física do Chefe. 2015. Disponível em: <https://integralismolinear.org.br/40-anos-sem-a-presenca-fisica-do-chefe/>. Acesso em: 12 de setembro de 2024.

QUINN, Malcolm. *The swastika: constructing the symbol*. London: Routledge, 1994.

TRINDADE, Hélgio. *Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30*. 2ª ed. Porto Alegre: Difel; UFRGS, 1979.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *Ideologia curupira: análise do discurso integralista*. 2ª ed. Recife; Porto Alegre: Edupe; EDIPUCRS, 2017.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA:

Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO:

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) .

CONTRIBUIÇÃO DO AUTOR:

O autor correspondente é o único autor do texto e responsável pelas referências dos dados que foram citados no documento.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE:

O autor declara que não há conflito de interesse a mencionar.

MINIBIOGRAFIAS DOS/DAS AUTORAS DO PAPER:

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP/IFCH), Brasil, com bolsa CAPES. Seu foco de pesquisa versa sobre os temas: fascismo, extrema-direita contemporânea, memória social, tecnologia e política.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.